

SÂNDI VOCÁLICO EXTERNO EM PORTUGUÊS COM BASE NA TEORIA DO GOVERNO

Vanessa Meireles de Oliveira SILVA

Universidade de Paris 8

RESUMO

Este trabalho refere-se à interpretação do sândi vocálico externo em português com base na Teoria do Governo e assumindo-se que o molde silábico seja do tipo CVCV. As descrições correntes do fenômeno tratado estabelecem três tipos de sândi vocálico externo no Português Brasileiro: a elisão, a ditongação e a degeminação, resultantes de uma ressilabificação causada pelo choque de dois núcleos vocálicos consecutivos. As descrições fornecidas para os três tipos de sândi citados utilizam a noção de sílaba da teoria fonológica multilinear para ilustrar os processos. Propomos que, considerando-se as premissas da Teoria Fonológica do Governo e do modelo silábico CVCV, o sândi vocálico externo é um fenômeno posicional cujas modalidades dependem da natureza das vogais envolvidas. Postula-se que haja apenas dois tipos de sândi vocálico externo no Português Brasileiro, a elisão e a ditongação, a degeminação sendo apenas um caso de elisão.

ABSTRACT

This paper deals with the interpretation of the external vocalic sandhi based on the Government Phonology and assuming that the syllabic model is CVCV type. The current descriptions of the phenomenon treated set three types of external vocalic sandhi in Brazilian Portuguese, the elision, the diphthongization and the degemination, results of a resyllabification caused by the clash between two consecutive nuclei. The description provided for the three types of sandhi cited use the concept of syllable in the multilinear phonology theory to illustrate the process. We propose that, if we consider the premises of the Government Phonology Theory and the CVCV syllabic model, the external vocalic sandhi is a positional phenomenon which modalities depend on the nature of vowels involved. We postulate that there are only two types of external vocalic sandhi in Brazilian Portuguese, the elision and the diphthongization, the degemination being merely a case of elision.

PALAVRAS-CHAVE:

Ditongação. Elisão. Sílabas. Teoria do Governo.

KEYWORDS:

Diphthongization. Elision. Government Theory. Syllable.

Introdução

Entre meados dos anos 70 e o começo da década de 90, sucederam ao modelo gerativista clássico várias teorias fonológicas como a Fonologia Autossegmental (GOLDSMITH, 1976), a Fonologia Lexical (MOHANAN, 1986), a Fonologia Métrica (LIBERMAN & PRINCE, 1977), a Fonologia Harmônica e Dinâmica (GOLDSMITH, 1993, LAKS, 1997), a Fonologia do Charme e do Governo (KAYE, LOWENSTAMM, VERGNAUD, 1990), a Fonologia da Dependência (ANDERSON & JONES, 1974, ANDERSON & DURAND, 1987, ANDERSON & EWEN, 1987) e a Teoria da Otimalidade (PRINCE & SMOLENSKY, 1993). Nosso objetivo é analisar os fenômenos de sândi vocálico externo no Português Brasileiro (PB) à luz do aparato teórico de uma das teorias que se inserem nesses modelos chamados pós-gerativistas, a Teoria do Governo.

Entre os vários trabalhos sobre o sândi vocálico externo no PB não figura, segundo nosso conhecimento, um estudo pautado pelos princípios da Teoria do Governo. Nossa análise constitui, portanto, uma contribuição inédita para, esperamos, uma melhor compreensão do fenômeno. Seu ponto crucial consiste na motivação do sândi de acordo com a Teoria do Governo e, dentro dela, na sua representação com base na hipótese do “CV estrito”, que difere essencialmente da concepção de estrutura silábica correntemente assumida para as ilustrações dos processos de sândi vocálico externo encontradas nos autores que já trataram do assunto.

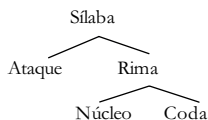
Tomaremos como ponto de partida os trabalhos de BISOL (1996a, 1996b e 2000), que são referências fundamentais para o estudo do sândi vocálico externo no PB. Neles, a autora assume uma representação silábica hierarquizada para descrever as “etapas” dos processos que resultam em um dos tipos de sândi que considera no PB: a elisão, a ditongação e a degeminação. Faremos, sucintamente, algumas considerações teóricas sobre a sílaba e, em seguida, mostraremos de que forma Bisol ilustra os processos em questão para, enfim, propormos uma representação no quadro teórico CVCV.

1. A sílaba e seus modelos teóricos

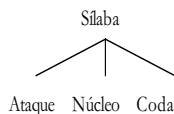
Apesar de a noção de sílaba remontar à antiguidade, o termo só será retomado sistematicamente pela linguística ocidental a partir dos anos 1970. Na Teoria Gerativa, explicavam-se os fenômenos fonológicos independentemente da noção de sílaba. Entretanto, a impossibilidade de descrever satisfatoriamente fenômenos como o acento e o tom, cujo domínio de aplicação fica mais facilmente determinado se considerarmos a existência da sílaba, fez com que uma viva discussão sobre a estrutura silábica se iniciasse.

Um dos modelos de teoria silábica concebe-a como um constituinte de estrutura binária, como em (1), composta por um *ataque* e uma *rima*, esta última constituída de um *núcleo* e eventualmente de uma *coda*. Esse modelo remonta a PIKE & PIKE (1947) e a KURYŁOWICZ (1948) e é representado mais recentemente por SELKIRK (1982) dentro da Fonologia Métrica. Um outro modelo é o proposto por CLEMENTS & KEYSER (1983) e ITÔ (1986), que atribuem à sílaba apenas dois níveis hierárquicos: σ , simbolizando a sílaba inteira, associa elementos C e V (estrutura dita “plana”), representada em (2).

(1)



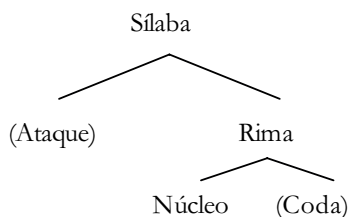
(2)



A concepção plana corresponde à “Fonologia CV” de CLEMENTS & KEYSER (1983) e a perspectiva hierarquizada corresponde à proposta de SELKIRK (1982), baseada na Fonologia Métrica. Considera-se o núcleo o único elemento da estrutura silábica que deve ser preenchido obrigatoriamente. O ataque pode permanecer sem realização fonética, mas, de acordo com determinados estudos como o de CLEMENTS & KEYSER (1983), estaria presente na estrutura silábica abstrata como posição disponível. A presença virtual da posição “ataque” facilita a compreensão de fenômenos como a *liaison* em francês¹, em que há inserção de consoante. A coda seria um constituinte opcional, podendo estar ausente.

Em relação aos tipos de estrutura silábica possíveis, todas as línguas aceitariam a estrutura CV, enquanto que algumas não apresentariam certos tipos de sílaba como V, (C)VC, CCV(C), (C)VCC. Resumindo, toda sílaba deve ter um ataque, preenchido ou vazio, e uma rima, cujo núcleo é obrigatoriamente preenchido, contendo ou não uma coda, como em (3):

(3)



¹ Cf. P. ENCREVÉ, *La liaison avec et sans enchaînement*, Phonologie tridimensionnelle et usages du français, Paris: Le Seuil, 1988.

Quanto à distribuição dos segmentos na sílaba que rege a *silabação*, as línguas seguiriam princípios universais. Um deles é a *Hierarquia de sonoridade*, segundo a qual o elemento mais sonoro da escala de sonoridade deve ocupar a posição de núcleo. Outro princípio é o da *Maximização dos ataques*, que consiste em pôr uma consoante de preferência no ataque da vogal que a segue e não na posição de coda (*a.té* e não *at.ê*). A *ressilabação* seguiria os mesmos princípios da *silabação*. A diferença é que a *silabação* ocorre, segundo a Fonologia Lexical, no componente lexical, responsável pela formação dos itens lexicais. Já a *ressilabação*, que intervém em processos como o sândi vocálico externo, ocorre no componente pós-lexical, isto é, no resultado da sintaxe.

A questão dos ditongos causa, entretanto, uma controvérsia. Considerando-se uma sílaba CVV, é preciso determinar se a semivogal faz parte do núcleo ou da coda para os ditongos decrescentes ou se faz parte do ataque ou do núcleo nos ditongos crescentes.

Para CÂMARA JR. (1970), VV pertence ao núcleo. Seu argumento é a presença obrigatória do -r forte após sílaba travada (Israel, guelra) mas não depois de ditongo (Aurora, bairro), indicando o fato de que se trata de uma sílaba aberta, sem coda (cf. caro / carro). Para BISOL (1999), a semivogal pertence à coda, servindo de argumento o fato de, em português, não haver sequências de vogal + glide + consoante líquida: o glide não pode coexistir na mesma sílaba que as soantes -n, -l, -r porque ocupa a mesma posição que elas na coda. Outro argumento é a inexistência de vogais longas em português, que ocupariam duas posições no núcleo. De acordo com BISOL (1999), nos ditongos crescentes, que seriam derivados pós-lexicalmente, o glide preencheria o ataque: *ri.a.cho* → *rjacho*. Câmara Jr. não discute o estatuto da semivogal nesses casos, pois para este autor o único caso de ditongo crescente fonológico é o dos ditongos formados com as consoantes velares /k/ e /g/.

Quando o ditongo se encontra na fronteira de palavra, Bisol defende que, se a segunda vogal da sequência é alta, ela pode ser deslocada para

a posição de coda. Quando a primeira vogal é alta, ela ocupa o ataque da nova sílaba formada.

Outro modelo, mais radical, estabelece que a sílaba possui apenas dois constituintes, C e V, proposto por LOWENSTAMM (1996) e desenvolvido por SCHEER (1998) e que explicaremos mais detalhadamente adiante.

Mesmo sabendo que as considerações sobre a natureza e a forma da sílaba estão longe de ser unânimes, mostraremos como o sândi vocálico externo é descrito em duas concepções precisas: na estrutura hierarquizada do modelo métrico e na visão CVCV proposta por Lowenstamm e Scheer no âmbito da Teoria do Governo.

2. O sândi em uma visão hierarquizada da sílaba

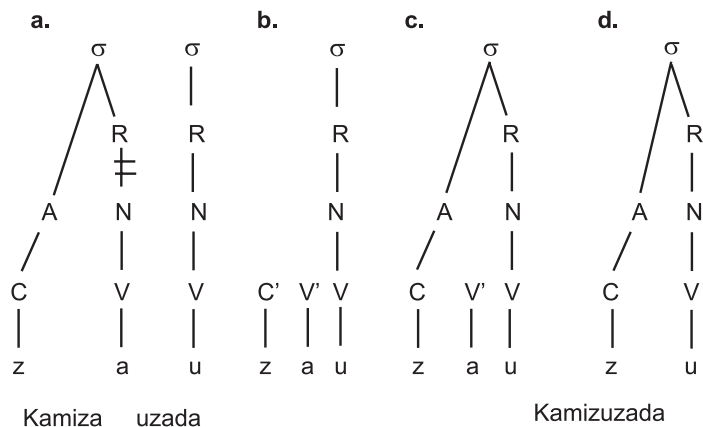
Nos trabalhos de Bisol sobre o sândi vocálico externo no PB, a estrutura silábica é fundamental para o entendimento do processo, pois, para a autora, ele é um processo de *ressilabação* que resulta em uma elisão, uma ditongação ou uma degeminação e é provocado pelas restrições impostas em português ao hiato, ou seja, à sucessão de dois núcleos silábicos. Segundo a autora, quando uma palavra que termina por vogal, um núcleo silábico, é seguida por uma palavra que começa por vogal, igualmente núcleo silábico, se estas vogais não estão protegidas por acento ou pausa, produz-se um “choque silábico” que provoca o desaparecimento do primeiro núcleo, e por consequência, da sílaba à qual ele pertence. A perda da primeira sílaba deixa seus elementos flutuantes, sem identidade prosódica. O mecanismo da ressilabação é ativado, motivado pelo Princípio do Licenciamento Prosódico (ITÔ, 1986), segundo o qual todo elemento linguístico deve pertencer a uma estrutura superior na hierarquia prosódica². Os elementos flutuantes serão então

² A hierarquia prosódica assumida é a proposta por NESPOR & VOGEL (1986), em que a sílaba é o componente mínimo e o enunciado fonológico a estrutura máxima: sílaba < pé < palavra fonológica < grupo clítico < sintagma fonológico < sintagma entonacional < enunciado fonológico.

associados à sílaba seguinte, de acordo com o Princípio de Sonoridade Sequencial, pelo qual a sonoridade da sílaba aumenta em direção ao núcleo e diminui a partir dele em direção à coda. A unidade mínima da hierarquia prosódica sendo a sílaba, um segmento não incorporado à sílaba subexistente é apagado. Vejamos mais detalhadamente em que consiste cada um dos processos resultantes da ressilabação.

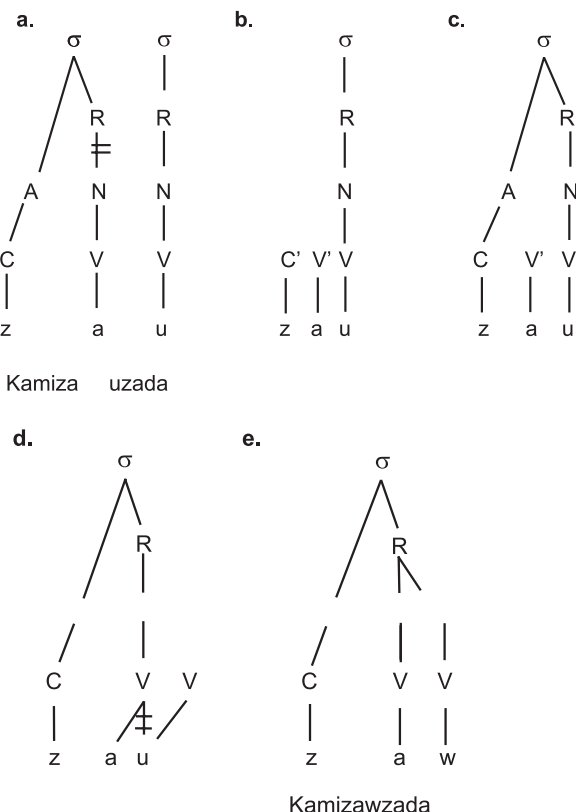
O primeiro processo citado, a *elisão*, refere-se ao apagamento da vogal não-acentuada em final de palavra quando a palavra subsequente começa por uma vogal de qualidade diferente (*camisa usada*: [kamizuzada]). Para Bisol, a elisão é mais precisamente o apagamento da vogal *a*. A autora afirma que, mesmo que outras vogais possam desaparecer segundo as variedades da língua, o apagamento da vogal *a* seria um fato geral do português. A autora explica que a elisão se realizaria de acordo com as seguintes etapas: dado o choque entre os núcleos vocálicos, o primeiro núcleo desassocia-se de sua sílaba e desencadeia-se o processo da ressilabação; como o primeiro núcleo vocálico não é reassociado a nenhuma posição, ele é apagado e o ataque da primeira sílaba associa-se então ao núcleo da segunda. A representação de todo o processo, numa estrutura silábica interna hierarquizada, é exposta da seguinte maneira:

(4) Elisão segundo BISOL (1996b: 58).



Já a ditongação, segundo Bisol, seria a fusão entre a vogal final não acentuada de um vocábulo e a vogal inicial de outro quando uma das vogais do grupo fosse átona e alta. Deste modo, no exemplo *camisa usada* haveria, para a autora, duas opções para evitar o hiato: *cami[zu]sada* (com elisão) e *cami[zaw]sada* (com ditongação). Em princípio, não haveria prioridade de aplicação de um processo em relação ao outro, na medida em que a escolha seria guiada por razões não ligadas ao contexto linguístico. Em (5) expõe-se o processo de ressilabação que conduz à formação de um ditongo:

(5) Ditongação segundo BISOL (1996b: 59).



Bisol afirma que, segundo o princípio de sonoridade, a vogal *a*, mais sonora, é colocada na posição de núcleo e a vogal *u* na posição de coda. Contudo, como CÂMARA JR. (1977) já havia notado, as sílabas finais átonas sendo mais fracas que as sílabas pretônicas, a formação de um ditongo com uma base vocálica mais fraca que a semivogal seria “anormal”; daí a fraca probabilidade, na nossa concepção, de **cami[zaw]sada*.

Para nós, o contexto ao qual se refere Bisol, com a vogal *a* em primeira posição, apresenta apenas duas soluções gerais: a elisão ou a manutenção do hiato. Bisol assume que no choque entre os núcleos vocálicos é a primeira sílaba que está condenada a desaparecer: as sílabas postônicas, sendo mais fracas prosodicamente, são perdidas no processo de ressilabação. O predomínio da formação de ditongos crescentes que constatamos neste contexto³ é, para nós, uma consequência do fato explicado por Bisol. De fato, como ela afirma (1996b), quando há duas vogais altas, em que teoricamente a formação de um ditongo crescente seria tão possível quanto a de um ditongo decrescente, não podendo o princípio de sonoridade “decidir” qual será o núcleo, já que ambas as vogais têm a mesma sonoridade, o que se observa é que, nesse contexto, a formação de um ditongo crescente se impõe, corroborando o fato de que a ressilabação se faz em torno da segunda sílaba:

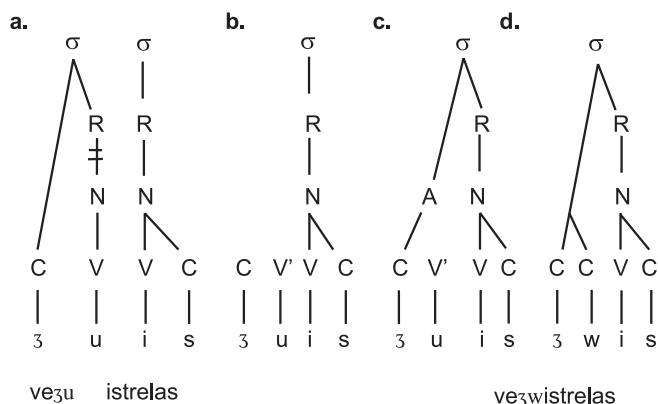
(6) lequ[e u]usado [yu] **[iw]*

(7) vej[o e]strelas [wi] **[uy]*

O processo de ressilabação que conduz à formação de um ditongo crescente é ilustrado da seguinte forma:

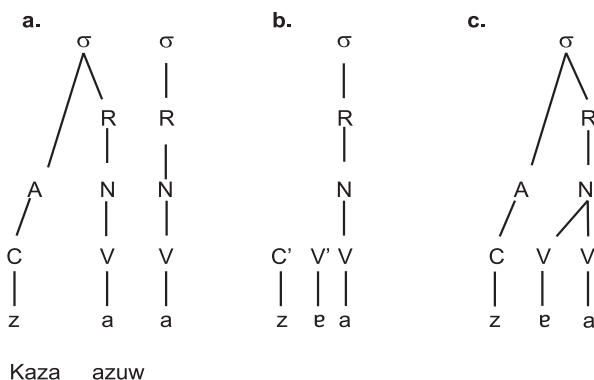
³ Para tal afirmação, baseamo-nos num estudo precedente sobre o sândi vocálico na fala do Rio de Janeiro (SILVA, 2009) assim como na afirmação de CÂMARA JR. (1977: 49). No corpus representativo analisado, a formação de ditongos decrescentes é raríssima, havendo apenas dois casos num total de 950 dados. Quando a vogal *a* ocupa a primeira posição da sequência, esta vogal é mais frequentemente elidida.

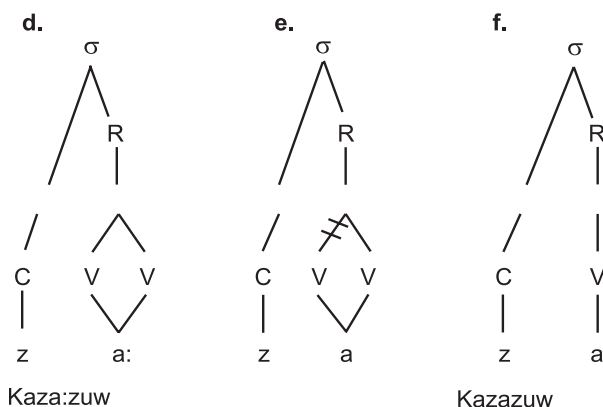
- (8) Formação de um ditongo crescente segundo BISOL (1996b: 63).



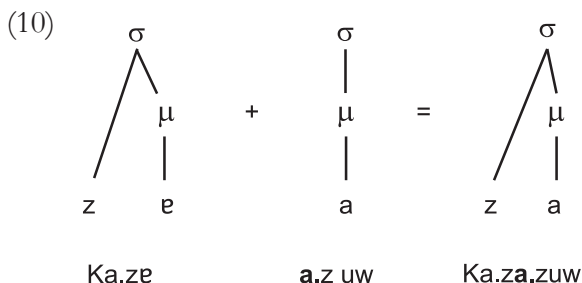
Já o terceiro tipo de sândi, a degeminação, aconteceria, segundo Bisol, quando duas vogais idênticas se encontram, o que ativaria o Princípio do Contorno Obrigatório (PCO; LEBEN, 1983), que proíbe dois sons idênticos consecutivos. As duas vogais sofreriam, então, uma fusão, seguida de redução ou encurtamento da vogal longa resultante. Vejamos a representação da degeminação por Bisol:

- (9) Degeminação segundo BISOL (1996b: 64-65).

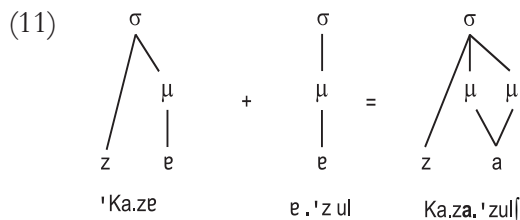




Parece-nos, no entanto, pouco clara a razão da distinção entre elisão e degeminação, pelo menos em PB. É possível considerarmos que, no PB, a degeminação seja apenas um caso particular de elisão, em que a vogal apagada pertence a um grupo de vogais idênticas. Isto permite unificar os dois processos, o que consiste na perda de uma melodia e de uma mora:



Já no Português Arcaico (PA) e no Português Europeu (PE) moderno, podemos falar em crase, dado que a quantidade permanece a mesma e as moras são conservadas. Assim, no PE, como sugerido por LÜDTKE (1953), o timbre [a] (versus [e]) traduz o peso silábico em sílaba átona: casa [‘kaze] + azul [‘ezult] = ‘casazul’ [kaza’zult], em que [e] (1 μ) + [e] (1 μ) = [a] (2 μ):



Resumimos num quadro, consoante a proposta de Bisol, as possibilidades de pronúncia de uma sequência vocálica na fronteira de palavra, tendo em vista que a condição fundamental para que o sândi ocorra é que a primeira vogal seja átona, e que, no PB, o sistema vocálico da posição tônica (/a/ /e/ /ε/ /i/ /o/ /ɔ/ /u/) se reduz de sete vogais a apenas três em posição final (/a/, /I/ e /U/, fonemas realizados como [e], [I] e [ʊ], e escritos a, e e o respectivamente). A segunda vogal pode ser uma vogal pretônica ou tônica, em que as possibilidades melódicas são idênticas: (/a/ /e/ /ε/ /i/ /o/ /ɔ/ /u/).

(12)

V1	Tipo de sândi	Exemplos de Bisol
/a/	elisão ou ditongação	camisa usada: camis'usada ou camisawsada
/I/	ditongação	leque usado: le[kyu]sado (ditongocrescente) *le[kiw]sado (ditongo decrescente)
/U/	ditongação	veja estrelas: ve[3wis]trelas (ditongo crescente) *ve[3uys]trelas (ditongo decrescente)

Já que em variedades específicas do PB as vogais /I/ e /U/ podem ser suscetíveis de elisão⁴ em determinadas condições, nossa proposta

⁴ Cf ABAURRE ET ALII (1999) sobre a elisão de /U/, BARBOSA & BRESCANCINI (2005), que tratam da elisão da vogal média /e/ no sul do Brasil, e SILVA (2009), que considera que, na fala do Rio de Janeiro, a elisão se aplica às três vogais da pauta postônica (/A/, /I/ e /U/).

difere ligeiramente da de Bisol. O que determina a dissolução do hiato por elisão ou por ditongação é a natureza da melodia vocálica, a primeira em particular, que pode ser baixa ou alta. No primeiro caso, há geralmente apagamento da melodia, o que provoca a fusão dos núcleos num só; e no outro caso tanto pode haver elisão quanto conservação da melodia:

(13)

V1	Nossa proposta	Exemplos
/a/	elisão	camisa usada: camis'usada
/I/	ditongação (ou elisão a depender da variedade)	leque usado: le[ku]sado? [*] ou le[kyu]sado
/U/	ditongação (ou elisão, a depender da variedade)	veja estrelas: ve[3is]trelas ou ve[3wis]trelas

*le[ku]sado?⁵

3. O sândi vocálico externo e a Teoria do Governo: um fenômeno posicional

Além dos dois tipos de representação silábica expostos até aqui, há que citar ainda o que é proposto pela Fonologia do Governo de KAYE, LOWENST, AMM & VERGNAUD (1990), em que o ataque e a rima não podem dominar mais que dois constituintes, o ataque só podendo ser duplo (pr, fl, etc.) e a rima só podendo ser dividida em núcleo e coda. A organização silábica seria o resultado das relações “laterais” de governo entre os constituintes.⁶

⁵ Além do variação dialetal evocada por Bisol, nem todos os segmentos consonânticos que antecedem V1 permitem sua ditongação com a vogal subsequente. Como demonstra NOGUEIRA (2007) com base em um corpus do falar de São Paulo, a elisão da vogal /I/ somente é possível se a consoante que a antecede é um /f, ʒ, s, z/. Seria necessário procedermos a uma investigação mais detalhada sobre a natureza da consoante que antecede V1 nos vários dialetos do PB.

⁶ Para mais detalhes sobre a Teoria do Governo, cf KAYE, LOWENSTAMM & VERGNAUD (1985, 1990).

LOWENSTAMM (1996) desenvolve a ideia e estabelece que toda sílaba pode ser reduzida a um modelo binário CV, isto é, composto apenas de um ataque e de um núcleo (preenchidos ou não), que não podem ser complexos. Em outras palavras, não existem ataques complexos nem codas. Este é o modelo chamado “CVCV” ou “do CV estrito”, concebido igualmente no escopo teórico da Fonologia do Governo. Segundo LOWENSTAMM (1996), as sílabas fechadas, as consoantes geminadas e as vogais longas podem ser reduzidas à uma configuração simples CV se admitirmos a existência de núcleos e ataques vazios:

(14)	Sílaba fechada	Reanálise
	[CVC] [CV]	[CV] [CV] [CV]
	t a k t i	t a k t i

(15)	Consoante germinada	Reanálise
	[CVC] [CV]	[CV] [CV] [CV]
	∨	∨
	b a t a	b a t a

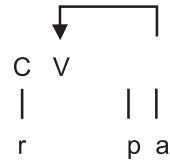
(16)	Vogal longa	Reanálise
	[CVC]	[CV] [CV]
	∨	∨
	b a	b a

No âmbito da Teoria do Governo postula-se que a não-realização dos núcleos vazios é devida a uma relação de governo entre posições. SCHEER (1998) demonstra que, se considerarmos CVCV como o único

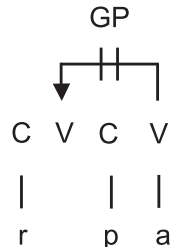
tipo de silabação fonológica, o “Governo Próprio” (*Proper Government*) explicaria a existência de núcleos “mudos”: um núcleo vazio não é realizado se ele é “propriamente governado” por um núcleo à sua direita. Assim, em (14) e (15), os núcleos vocálicos sem melodias associadas não possuem realização fonética por serem propriamente governados. As alternâncias entre a presença e a ausência da vogal “e” ou “*schwa*” em francês, por exemplo, cuja pronúncia é uma vogal centralizada [ə], podem ser explicadas pela aplicação ou pela não-aplicação do Governo Próprio, como em (17):

(17) *repas* (rpa ~ rəpa)

a) [rpa]



b) [rəpa]



O Governo Próprio seria opcional em francês, como no exemplo dado, em que [rpa] e [rəpa] são duas possibilidades de pronúncia da palavra “repas”. Entretanto, a realização ou não de certos “e mudos” ou “*schwas*” consecutivos nem sempre é uma opção. Observando as possibilidades de pronúncia da expressão “je me dis”, em que há potencialmente dois *schwas*, temos as três primeiras das seguintes possibilidades de pronúncia:

(18a) CeCeC [ʒə mə di]



(18b) CeCC [ʒə m di]



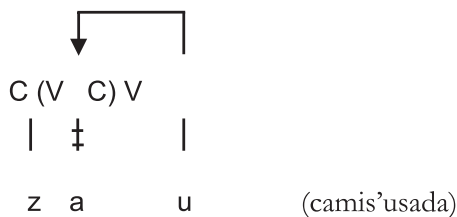
(18c) CCeC [ʒ mə di]

(18d) *CCC [*ʒmdi]

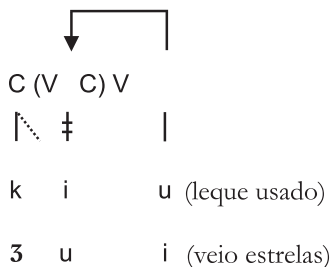
A razão é a não-realização de dois *schwas* consecutivos em (18d) infringir o princípio segundo o qual um núcleo somente pode governar um outro núcleo à sua esquerda se ele não é ele mesmo propriamente governado por um núcleo à sua direita, ou seja se ele é pronunciado. Em outras palavras, uma sequência de dois núcleos vocálicos mudos não está bem formada pois uma posição vazia propriamente governada não pode governar outra posição.

Que vantagens ou desvantagens pode esta teoria trazer à descrição dos vários tipos de sândi vocálico externo do português? Em primeiro lugar, comparemos o fenômeno da vogal vazia do francês à posição postônica do português, ambas prosodicamente fracas. Em segundo lugar, formulando-se também a hipótese de que em português o governo vai de direita para a esquerda, podemos propor as seguintes representações dos dois tipos de sândi que consideramos no PB:

(19) Elisão



(20) Ditongação



Ambos os tipos provêm da mesma configuração. Simplesmente, no caso da ditongação, a melodia não é apagada e há propagação do material vocálico. Esta propagação faz-se à esquerda. Tal hipótese é necessária para evitar as formas como *[‘pɔd.ya.’tɛ] (cf. a representação da sílaba fechada no modelo do CV estrito), que são impossíveis em português já que [y] não pode ocupar a posição de ataque. Além do mais, a propagação de /i/ para a posição de ataque concorda com a palatalização das consoantes precedentes, nomeadamente [t] e [d], na fala do Rio de Janeiro – cf. (21) e (22):

(21) Ditongação

a - eles passavam um monte de exercícios
[dʒje]

b - debaixo de uma árvore
[dʒju]

(22) Elisão

a - apesar de eu dar aula pra segundo grau
[dew]

b - chegar a uma posição de uma água
[du]

Em suma, a descrição do sândi vocálico externo por BISOL (1996a, 1996b, 2000), baseada numa estrutura silábica hierarquizada, requer três tipos de mudanças silábicas, condicionadas por três princípios: o Princípio do Licenciamento Prosódico, o Princípio de Sonoridade Sequencial e o Princípio do Contorno Obrigatório.

Se partirmos do pressuposto de que todas as sílabas são do tipo CVCV, o sândi vocálico externo aparece como um fenômeno fundamentalmente posicional, desencadeado pela impossibilidade de haver um ataque vazio em posição mediana e resultante de uma interação entre núcleos, o Governo Próprio.

Dada a direção do governo, explica-se que a melodia perdida seja a primeira quando há elisão ou ditongação. Apenas as duas modalidades do sândi, a elisão e a ditongação, dependem de um fator melódico: uma melodia baixa tende a ser apagada; uma melodia alta pode ser apagada ou pode formar um ditongo diante de outra vogal.

Considerações finais

No escopo da Fonologia do Governo, considerando-se que a estrutura silábica é do tipo CVCV, a descrição do sândi vocálico externo constitui um fenômeno de índole posicional, bem mais homogêneo do que o que provém de uma visão hierarquizada da sílaba. Falta investigarmos se nesse quadro teórico seria possível explicar a restrição imposta pelo acento principal à elisão.

Pensamos que também talvez seja pertinente fazer a descrição de outros processos fonológicos do português com o aparato teórico da Teoria do Governo, a fim de determinar se essa teoria pode trazer vantagens para a explicação e a compreensão de fenômenos da língua portuguesa que até aqui não foram suficientemente estudados ou explicitados satisfatoriamente.

Referências

- ABAURRE, M. B.; GALVES, C. C. & SCARPA, E. M. A interface fonologia-sintaxe. Evidências do português brasileiro para uma hipótese *top-down* na aquisição da linguagem. In: SCARPA, E. (org.). **Estudos de Prosódia**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 285-323.
- ANDERSON, J.M. & JONES, C. Three Theses Concerning Phonological Representations. In: **Journal of Linguistics** 10, 1974. p. 1-36.
- ANDERSON, J.M., DURAND, J. & col. **Explorations in Dependency Phonology**, Dordrecht, Foris, 1987.
- ANDERSON, J.M. & EWEN, C. **Principles of Dependency Phonology**, Cambridge University Press, 1987.
- BARBOSA, C. & BRESCANCINI, C. A elisão da vogal média /e/ no sul do Brasil. In: **Letras de hoje**. Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 39-56, 2005.
- BISOL, L. O sândi e a ressilabação. In: BISOL, L. (org.). **Letras de hoje**. Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 159-168, 1996a.
- _____. Sândi externo: o processo e a variação. In: KATO, M. (org.). **Gramática do português falado**. Convergências. Editora da UNICAMP, v. 5, p. 55-95, 1996b.
- _____. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, M. H. (org.). **Gramática do Português Falado**. UNICAMP, 1999, v. 7, p. 701-742.
- _____. A elisão, uma regra variável. In: BISOL, L. (org.). **Letras de hoje**. Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 319-330, 2000.
- CÂMARA Jr, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 41 ed., Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- _____. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. 2 ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CLEMENTS, G. N & KEYSER, S. J. **CV Phonology: A Generative Theory of the Syllable**. Cambridge: MIT Press, 1983.

ENCREVÉ, P. **La liaison avec et sans enchaînement, Phonologie tridimensionnelle et usages du français**, Paris: Le Seuil, 1988.

GOLDSMITH, J. A. **Autosegmental Phonology**. Tese (Doutorado) – Cambridge, Mass.: MIT Press, 1976.

_____. Harmonic Phonology, in GOLDSMITH, J. (org.). **The Last Phonological Rule: Reflections on constraints and derivations**, Chicago, The University of Chicago Press, 1993. p. 21-60.

ITÔ, J. **Syllable Theory in Prosodic Phonology**. PhD. Dissertation. Boston / Amherst, MA: University of Massachusetts, 1986.

KAYE, J. D., LOWENSTAMM, J. & VERGNAUD, J.-R. Constituent structure and government in phonology. In: **Phonology 7**, 1990. p. 193-231.

KURYŁOWICZ, J. Contribution à la théorie de la syllabe. In: **Esquisses linguistiques**. München: Wilhelm Fink, v. 1, p. 193-220, 1948.

LAKS, B. Perspectives phonologiques, compositionnalité, constituance, dynamiques et harmonies . In: **Histoire Epistémologie Langage**, 19/2, 1997. p. 27-73.

LEBEN, W. **Suprasegmental Phonology**. MIT: PhD. Dissertation, 1973.

LIBERMAN, M. & PRINCE, A. On stress and linguistic rhythm. In: **Linguistic Inquiry 8**, 1977. p. 249-336.

LOWENSTAMM, J. CV as the only syllable type. In: Durand, J. & Laks, B. (orgs.). **Currents Trends in Phonology: Models and Methods**, CNRS, Paris X: ESRI, v. 2, p. 419-441, 1996.

LÜDTKE, H. Fonemática Portuguesa. II – Vocalismo. In: **Boletim de Filologia**, XIV (3-4), 1953. p. 197-217.

MOHANAN, K. P. **The theory of Lexical Phonology**. Dordrecht: Reidel, 1986.

PIKE, K. & PIKE, E. Immediate constituents of mazateco syllables. **International Journal of American Linguistics**, 13, 1947. p. 78-91.

PRINCE, A. & SMOLENSKY, P. **Optimality Theory, Constraint Interaction in Generative Grammar**, Ms, Rutgers Un. & Un Colorado, 1993.

NESPOR, M. & VOGEL, I. **Prosodic Phonology**. Foris: Dordrecht, 1986.

NOGUEIRA, M. V. **Aspectos segmentais dos processos de sândi vocálico externo no falar de São Paulo**. 2007. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-12112007-150159/>>. Acesso em: 2012-01-27.

SCHEER, T. A unified model of Proper Government. In: **The linguistic Review** 15, 1998. p. 41-67.

SELKIRK, E. O. The syllable. In: GOLDSMITH, J. (org.). **The handbook of phonological theory**. Oxford: Blackwell, 1982.

SILVA, V. M. O. **Le sandhi vocalique en portugais**. 2009. Dissertação (Mémoire de Master en Linguistique Théorique et Descriptive) - Université Paris 8, Paris, 2009.